



QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA NOS QUILOMBOS: O CASO DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE MOSTARDAS/RS

Tiago Larrosa Freitas¹

Resumo

Este trabalho pretende apresentar algumas discussões possíveis nas intersecções de gênero, raça e classe, a partir do estudo de caso das agricultoras, artesãs e tecelãs quilombolas, da região de Mostardas, Rio Grande do Sul. As questões de gênero podem ser vistas como uma categoria histórica, passível de análises relacionadas a outros acontecimentos históricos e seus desdobramentos socioculturais. A auto-identificação e o reconhecimento da sociedade de que estas mulheres produtoras são remanescentes de quilombos servem como estratégia para a conquista do sustento familiar, para melhorar a auto-estima das produtoras e, de modo mais amplo, serve como estratégia para o empoderamento feminino para a manutenção dos territórios quilombolas.

Palavras-chave: Agricultoras. Mulheres. Quilombolas.

Introdução


Ao analisarmos as relações socioculturais que permeiam o nosso cotidiano, percebemos que se faz necessário contribuir com pesquisas e discussões sobre as transformações ocorridas atualmente. Nos últimos anos, as pautas conservadoras e elitistas vêm ganhando espaço no Brasil e no mundo, colocando em risco as importantes conquistas democráticas das populações historicamente alijadas dos espaços de poder institucional. “Vivemos na atualidade tempos de movimentos de atuação e controle perverso dos corpos, do gênero e das sexualidades. Tempos que nos colocam perante a possibilidade do desmanche e desmonte de todas as conquistas democráticas.” (RIBEIRO; SILVA; TEIXEIRA, 2016, p.17).

As desigualdades de gênero, classe e raça/etnia podem ser sentidas e percebidas em diversos aspectos das estruturas sociais. A construção patriarcal e racista de sociedade reforça estas desigualdades e distanciam as pessoas do exercício pleno de sua cidadania. Estas realidades, construídas historicamente, dificultam o desenvolvimento das potencialidades de homens e mulheres em suas relações. Como afirma a pesquisadora Heleith Saffioti,

A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser

¹ Professor de História e mestre em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, tiagolarrosa@yahoo.com.br





construída, e o é, com frequência. [...] Todavia, o vetor mais amplamente difundido da violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher, tendo a falocracia como caldo de cultura. (SAFFIOTI, 2015, p.75).

As desigualdades de gênero, classe e raça/etnia reforçam estereótipos, práticas discriminatórias e preconceitos que vem sendo transmitidos entre as gerações. Os estudos de gênero foram e vem sendo fundamentais para revelar a participação das mulheres ao longo do processo histórico. Estas/es atrizes/atores vêm apresentando novos conteúdos que ajudam a superar a invisibilidade feminina e também das questões de gênero na construção da História oficial.

O presente trabalho tem como proposta apresentar algumas discussões possíveis nas intersecções de gênero, raça e classe, tendo como referência o estudo de caso de agricultoras, artesãs e tecelãs quilombolas, da região de Mostardas, Rio Grande do Sul. A pesquisa realizada entre 2014 e 2016, junto ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas, possibilitou compreender que as comunidades quilombolas desta região re-significam suas identidades de quilombolas nos seus fazeres diários, nas suas ritualísticas, na agricultura, no artesanato e na tecelagem. Estas mudanças valorizam as características quilombolas, transformando em positivos os aspectos antes estigmatizados e marginalizados pela sociedade. (FREITAS, 2016).


Nesse sentido, as mulheres quilombolas têm um papel fundamental nestas transformações e re-significações. Para melhor perceber estes acontecimentos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com agricultoras e tecelãs do Quilombo Teixeiras, localizado no município de Mostardas/RS. Suas vidas perpassam histórias de lutas, sofrimentos, conquistas, alegrias e muito orgulho de sua condição de mulheres quilombolas. Este ensaio pretende apresentar algumas práticas identitárias quilombolas que são protagonizadas por mulheres e que colaboram na transformação das relações sociais entre todos os gêneros, raças/etnias e classes.

Questões teóricas e metodológicas

O presente estudo dos casos das mulheres quilombolas contempla, no mínimo, duas dimensões: as questões de raça/etnia, no sentido da identificação social, e as questões de gênero, nas dificuldades e diferenciações sofridas pelas mulheres negras remanescente de quilombos.

Ao longo das pesquisas realizadas na área das ciências sociais, os escritos do autor latino-americano Aníbal Quijano podem ser utilizados para refletir sobre a realidade vivida





pelas mulheres quilombolas. Em seus escritos, o autor trata de questões como a colonização europeia da América e de outras regiões do planeta, como o continente africano.

Uma das possibilidades de perceber as relações coloniais é pensar em uma perspectiva em que a chamada “descoberta” da América tenha sido o início de uma nova configuração das relações de poder no mundo, em que a ideia de “raça” tenha sido utilizada para expressar uma diferenciação entre os povos, legitimando a existência de colonizadores e colonizados (QUIJANO, 2005).

Ao tratar sobre a questão de “raça”, o pesquisador Valter Roberto Silvério afirma que “a compreensão crítica do passado é fundamental pra entender o presente e construir um futuro em que a raça efetivamente não seja um operador permanente de desigualdades de oportunidades.” (SILVÉRIO, 2005, p. 143). Sobre a questão científica da utilização do conceito de raça, o pesquisador Antonio Sérgio Alfredo Guimarães afirma que “‘raça’ é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão-somente uma forma de classificação social.” (GUIMARÃES, 2005, p. 11). Em outras palavras, o conceito “raça” é uma construção social e, como tal, vem sendo trabalhada numa perspectiva de estudo que se limita ao mundo social.

As questões de gênero também perpassam a vida destas mulheres quilombolas. A socióloga Heleieth Saffioti, ao tecer algumas considerações sobre gênero, afirma que:

Este conceito não se resume a uma categoria de análise, como muitas estudiosas pensam, não obstante apresentar muita utilidade enquanto tal. Gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

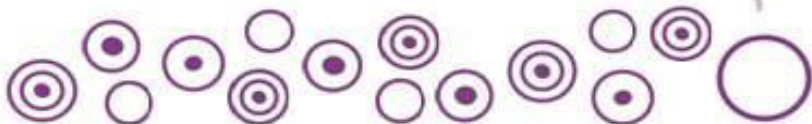
Como afirma a autora, as questões de gênero podem ser vistas como uma categoria histórica, passível de análises inter-relacionadas com outros acontecimentos históricos e seus desdobramentos sociais e culturais. Estes olhares com relação ao gênero possibilitam compreensões mais realistas das desigualdades enfrentadas, podendo colaborar na erradicação destes problemas sociais e culturais de nossa sociedade.


A economia quilombola do sustento: Mulheres protagonistas

*“Eles acham que são espertos, mas a gente é mais esperta que eles!”
(Sara Maria, 29/09/15).²*

Nas comunidades quilombolas da região de Mostardas/RS, em especial na comunidade quilombola dos Teixeiras, existe o predomínio da prática agrícola doméstica, destinada ao auto consumo, ou seja, atender as principais necessidades das famílias e da

² A tecelã e agricultora falando no contexto local de conflitos de terras.





comunidade. Essa produção envolve uma diversificação de plantios e tem como característica ser em pequena escala, baseada nos saberes ancestrais.

Quando a produção para o sustento familiar supera as necessidades alimentares, acontece uma “sobra” de produtos. Este excedente é revertido em dinheiro por meio de comercializações realizadas por estas mulheres. Este excedente de produção é colocado em negociação nos espaços públicos, feiras ou ainda, as demandas por certos produtos chegam à própria casa das produtoras, por meio de recados e visitas.

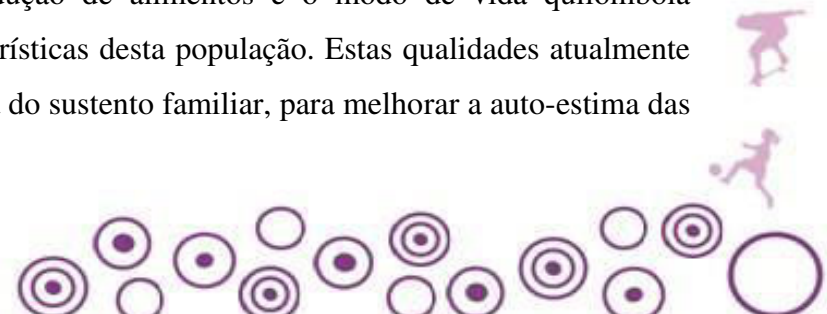
Ao perguntar para a dona Janete e dona Sara Maria sobre como conseguem se sustentar e se manter no quilombo, a resposta soa como uma obviedade para aqueles que trabalham com a terra “desde sempre”. Janete afirma que “É plantando. Vendemos feijão, aipim, batata...” (Janete, 29/09/2015). A dona Sara Maria confirma a explicação de sua irmã Janete, quando perguntada sobre como se faz para se sustentar e se manter no quilombo.


Sara Maria segue dando pistas de como ocorrem as negociações destes produtos. “Chega a época aqui, essa minha irmã tem um pé de figueira aqui. O pessoal já chega em nós: ‘tem figo?’ ‘Tem.’ ‘Ah então me traz um cento, traz dois cento, traz três cento’. Assim nós negociamos.” (Sara Maria, 29/09/2015).

As irmãs Sara Maria e Janete seguiram falando do trabalho realizado na propriedade de sua família. Além de elas trabalharem com agricultura, elas também criam ovelhas, fazendo o beneficiamento da lã. Desde o início das conversas, estas produtoras quilombolas demonstraram estarem felizes por estarem trabalhando com a terra, com a lã e também por trabalharem nas feiras livres e eventos em geral, no qual elas são convidadas.

Janete explica sobre as viagens realizadas a eventos em busca de vendas e de novas vivências. “Eu fui pra fazer uma feira lá em Brasília. Uma feira mundial que tinha lá. Daí eu levei os produtos.” (Janete, 29/09/2015). Os momentos de formação, palestras, oficinas e debates propiciados por estes eventos também ajudam no fortalecimento da auto-estima dessas produtoras e no processo de (re)construção da identidade da mulher quilombola, a partir da posição de protagonistas de suas próprias vidas.

Uma questão importante é que, tanto a produção têxtil quanto a agricultura e pecuária, tem características que agregam mais valor aos produtos, por fazerem parte do modo de produção quilombola. A maneira artesanal de produzir os cobertores e demais artigos de lã, a não utilização de agrotóxicos na produção de alimentos e o modo de vida quilombola integrado à natureza são marcas características desta população. Estas qualidades atualmente servem como estratégia para a conquista do sustento familiar, para melhorar a auto-estima das





produtoras e, de modo mais amplo, serve como estratégia para a manutenção do território quilombola, por meio do empoderamento feminino e comunitário.

“É remédio ou veneno?” a qualidade Quilombola protagonizada pelas mulheres

Quando perguntadas se as(os) compradoras(es) gostam dos produtos feitos nos quilombos, Janete responde que “o pessoal gosta. Eles preferem comprar daqui dos nossos. Eles compram sim. Fica todo mundo esperando esse dia para comprar.” (Janete, 29/09/2015). Sara Maria explica o porquê desta preferência. “É que não tem remédio³ né, é tudo natural.” (Sara Maria, 29/09/2015).

Ao explicar que na sua produção não se utiliza agrotóxicos, Sara Maria lembra também dos hormônios artificiais que elas não usam na criação de seus animais. “Não, eu não confio em veneno. E essas galinhas de fora aí, dos aviários, isso aí é criada a base da injeção, pra vim dentro de 15 a 20 dias. Ai termina matando os outros. Claro, coitados, o pessoal não sabe.” (Sara Maria, 29/09/2015).

A lógica de produção quilombola é diferente da lógica do mercado econômico moderno. As relações com os animais e com as plantas, alimentares ou não, tem características que remetem aos antepassados, sendo um compromisso ético, para estas produtoras, gerar alimentos livre de produtos que prejudicam a saúde de outras pessoas (e delas mesmas). Esta característica faz parte da identidade das mulheres quilombolas, que é acionada em cada relação de vendas, entre quilombolas e não-quilombolas, quando as(os) compradoras(es) escolhem seus produtos por saberem que elas não utilizam agrotóxicos.

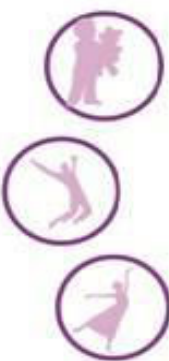
Neste item é preciso destacar que a produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos, assim como a produção artesanal de artigos de lã natural, são características que rapidamente são associadas às comunidades quilombolas. Com isto, junto à produção de alimentos por mãos quilombolas vem a expectativa de que estes alimentos possuem características ligadas ao manejo agrícola orgânico, a preservação da biodiversidade e a promoção de um comércio justo e sustentável.

Entrelaçando finais: mulheres quilombolas fazendo História

A organização coletiva destas mulheres, a auto-identificação e o reconhecimento da sociedade de que estas produtoras são remanescentes de quilombos vem sendo fundamental

³ Neste caso, o termo “remédio” está se referindo aos agrotóxicos, usados em larga escala por agricultores fora dos quilombos.





para a conquista de situações de bem viver quilombola⁴. Mais especificamente, é possível concluir que a identidade a partir da figura de agricultoras negras, praticantes de métodos agrícolas de seus antepassados, cria uma adjetivação positivada das características relacionada às mulheres quilombolas.

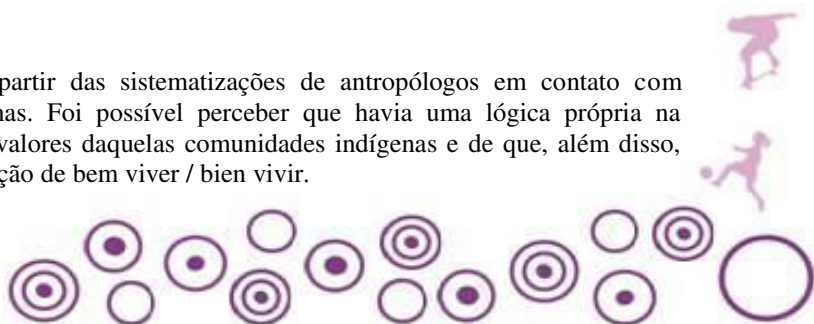
As construções identitárias destas mulheres se dão a partir destas relações já existentes entre a identidade historicamente construída de agricultoras negras e as novas perspectivas, re-criações e re-significações identitárias quilombolas. Estas mudanças no modo de se observar fazem com que estas mulheres transformem em auto-estima e em ações afirmativas a sua condição de “mulheres quilombolas”.

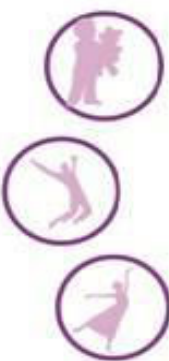
Sendo assim, dentre as estratégias para conquistar melhores condições de vida está a identificação coletiva enquanto mulheres quilombolas. A diminuição das segregações e preconceitos raciais na região de Mostardas/RS possibilitou um contato entre a população quilombola e a população não-quilombola em uma conjuntura diferente. Estas inter-relações estimularam as re-significações das identidades quilombolas justamente nas relações com membros externos à comunidade. Por conta destas transformações observadas, existem atualmente novas circunstâncias para as sociabilidades destas mulheres. Cada vez mais as *trocas culturais quilombolas*, nas suas relações com o mundo externo, fortalecem o empoderamento feminino e a continuidade destas práticas culturais destas mulheres cada vez mais protagonistas das próprias vidas.

Referências

- FREITAS, Tiago Larrosa. **As buscas pelo Bem Viver Quilombola: Resistências, re-significações e traduções culturais identitárias no Quilombo dos Teixeira, Mostardas/RS.** 2016. 167f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2016.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** São Paulo-SP, Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, editora 34, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: LANDER, Edgardo. (Org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* Colección Sur Sur, CLACSO, Buenos Aires, Argentina. p.227-278, Set. 2005.

⁴ Originalmente este conceito foi pensado a partir das sistematizações de antropólogos em contato com experiências das comunidades indígenas Andinas. Foi possível perceber que havia uma lógica própria na elaboração das prioridades, das condutas e dos valores daquelas comunidades indígenas e de que, além disso, existem demandas próprias para se chegar à situação de bem viver / bien vivir.





RIBEIRO, Paula Costa; SILVA, Elenita; TEIXEIRA, Filomena. (Org.) **Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades**: Linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios. Rio Grande/RS, Editora da FURG, 2016.

SAFFIOTI Heleieth. **Gênero, Patriarcado Violência**. São Paulo, Expressão Popular, 2015.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação Afirmativa e Diversidade Étnico-Racial. *In*: SANTOS, Sales Augusto dos. **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação continuada, alfabetização e diversidade, , 2005. p. 141-164.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

